



INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

LICENCIATURA EM LETRAS / PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

MONOGRAFIA EM LITERATURA

Isaías Santos de Santana

CONTO "DINA" DE LUÍS BERNARDO HONWANA

Análise sob a ótica de valores das sociedades africanas

Brasília – DF

2014

Isaías Santos de Santana

CONTO "DINA" DE LUÍS BERNARDO HONWANA

Análise sob a ótica de valores das sociedades africanas

Monografia apresentada ao Instituto de Letras –
IL, no Departamento de Teoria Literária e
Literaturas – TEL, da Universidade de Brasília
como exigência parcial para obtenção de grau
em Licenciatura do curso de Letras Português e
respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cláudia da Silva

Brasília – DF

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria de Lourdes Santos de Santana, que me deu carinho e amor durante todos os momentos de minha vida, especialmente aqueles nos quais me faltaram forças para continuar prosseguindo. Sinceramente, meu muito obrigado!

AGRADECIMENTO

À Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva, por ter me incentivado a fazer o trabalho de conclusão de curso na área de Literatura. Agradeço imensamente pela disponibilidade, cuidado e paciência durante toda orientação do trabalho.

“Quando não há um debate, não fazemos o aprofundamento das instituições democráticas. Então, as pessoas expressam a sua opinião em explosões porque não há possibilidade de, continuamente, opinarem. Quando perdemos a possibilidade de articular verbalmente, fazemo-lo através do gesto, e o gesto pode ser violento.”

(Luís Bernardo Honwana)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as situações descritas no conto “Dina” (parte integrante do livro “Nós Matamos o Cão Tinhoso” de Luís Bernardo Honwana, publicado pela Editora Ática como um dos títulos da coleção “Autores Africanos”), sob a ótica de valores das sociedades africanas. A discussão perpassa de forma inevitável a temática das relações de poder nos sistemas sociais e fica evidente o discurso do oprimido versus opressor. Procurou-se, no entanto, centrar o debate na maneira como os princípios que regem uma sociedade são percebidos, se integram, ou apenas são realçados dentro do contexto onde há um dominante e um dominado. Estabelece-se, para tanto, uma proposta de mostrar o momento do Brasil em que a coleção foi publicada e, em seguida, uma breve contextualização do autor Luís Bernardo Honwana na literatura de Moçambique, para enfim iniciar a análise propriamente dita do conto. Isto foi feito com o propósito de se evidenciar semelhanças do ambiente brasileiro ao contexto moçambicano para, ao iniciar a análise, ter-se mais elementos para discutir as situações ficcionais feitas pelo autor do conto.

Palavras-chave: Dina; Valores sociais; Literatura Africana; Literatura moçambicana; Luís Bernardo Honwana;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. CAPÍTULO 1 – MOMENTO BRASILEIRO	11
3. CAPÍTULO 2 – MOMENTO MOÇAMBICANO	14
4. CAPÍTULO 3 – O CONTO ‘DINA’	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
6. REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Talvez ainda não tenhamos encontrado as fórmulas apropriadas para que, no jogo social, na actividade política, na realidade económica, as existências de facto se manifestem e constituam uma possibilidade de alavancar o processo de desenvolvimento, dado a convicção de não termos resolvido ainda todos os problemas. O necessário é não impor determinadas concepções, mas ler a realidade.

(Luís Bernardo Honwana)

Falar de África não é trabalho fácil. Há muito que se pensar sobre as questões trazidas pelo continente africano, seja num passado remoto, seja nos tempos atuais. Sair da visão romantizada e adentrar em análises com profundos questionamentos tem se tornado imprescindível para os contextos africanos, e também para as situações decorrentes do diálogo dos povos africanos com os outros povos. É preciso avançar das discussões que abordam apenas preconceitos e questões raciais para alcançar as discussões que chegam à intricada definição de sociedade, definem as relações de poder e transcendem os princípios que norteiam a alma humana.

A África assume diversas representações para o mundo. Se por um lado alguns a consideram como zona de extrema pobreza, por outro lado recebe o título de berço da humanidade. Entender como essas representações se relacionam e influenciam a imagem que os outros países têm do continente africano não é tarefa simples e, provavelmente, não é tarefa que se esgote em poucos anos de pesquisa. O Brasil tem feito a sua parte ao se aproximar deste entendimento. Para alguns estudiosos existe até um momento de efervescência de imagens e discursos que relaciona o país com a África (Souza, 2011).

A soberania brasileira é historicamente mais velha em relação à soberania conquistada pelas nações do continente africano; mas, tomando-se como referência a história mundial, o Brasil é tão jovem quanto a maior parte dos

países africanos. Há laços inequívocos que reportam ambos aos tempos de colonização. Mas seriam as representações que os relacionam apenas ligadas a um mesmo arcabouço de evolução histórica? Joseneida de Souza afirma que:

o histórico das relações entre o Brasil e o continente africano mostra, para além dos elementos que nos unem ou nos tornam “irmãos”, ambiguidades e controvérsias que se fazem notar nos discursos, teorias e representações construídos ao longo do tempo, sob jogos de poder e de interesses os mais diversos, na medida em que nos debruçamos sobre os vários momentos em que o apelo ou o “retorno à África” se fez e se faz notar entre os brasileiros.(Souza, 2011).

O Brasil, assim como todos os países que receberam um contingente de pessoas retiradas por ocasião do comércio de escravos, não fala ou retoma o tema África simplesmente para realçar vínculos culturais. Existe, e é importante que se enfatize, uma necessidade de se debruçar nesta questão para, entre outros propósitos, legitimar o empoderamento daqueles que estão em situação de desfavorecimento em relação a outros grupos sociais.

As próprias nações africanas, na atualidade, já pensam em “africanidade” como um tema muito mais complexo que não se remete apenas à diversidade cultural. Sem nenhuma dúvida, muitos povos daquele continente já exigem sua porção de respeito e cidadania frente aos governos que se vão estabelecendo. Moçambique, país onde o autor do conto ‘Dina’ nasceu, é um exemplo disto. Ao se falar em “moçambicanidade”, está-se, em certa medida, enfatizando, para além do processo de independência de Portugal, um processo de valoração das novas vozes sociais de um país tão múltiplo. Não se fala apenas da construção de uma identidade tomando-se como referência apenas a destituição do poder do colonizador. Há que se pensar na diversidade cultural que legitima as diferenças que precisam e podem coexistir. Moçambique, assim como

outras nações do mundo, assim como o Brasil, estão em maior ou menor velocidade na mesma linha evolutiva.

Decidiu-se por acrescentar a este estudo comentários sobre dois momentos específicos, um brasileiro e um moçambicano, exatamente para traçar um olhar sobre as duas realidades e, desta forma, trazer mais elementos para a análise das nuances dispostas por Luís Bernardo Honwana em seu conto. O momento brasileiro escolhido foi o da publicação da coleção “Autores Africanos” da editora Ática. O momento moçambicano foi o da primeira publicação do livro “Nós Matamos o Cão Tinhoso”. Os dois países foram colônias portuguesas e têm a língua europeia como língua oficial, mas embora o Brasil já estivesse independente de Portugal no período em questão, diferentemente do país africano, ambos os momentos trazem a mesma necessidade de empoderamento de vozes dos oprimidos e, por esta razão, guardam relação entre si.

CAPÍTULO 1 – MOMENTO BRASILEIRO

O Brasil nos anos da publicação da coleção “Autores Africanos” da editora Ática

Não eram dias fáceis, vivia-se numa época em que a circulação de ideias sofria fortes restrições, até físicas, como também comprovei.

(Luís Bernardo Honwana)

Um discurso vigente no Brasil atual reflete a existência de vários laços com o continente africano, seja por semelhanças do processo de colonização ou apenas pelo imenso número de africanos que foram trazidos para solo brasileiro por ocasião da escravidão. É inegável a influência sobre a cultura brasileira, principalmente nas regiões mais densamente abastecidas por escravos no período anterior à Lei Áurea.

Sobressai-se, no entanto, a dúvida se o imaginário brasileiro ecoa as ideias de que o nosso país e aquele continente guardam laços de irmandade, como se filhos de um mesmo processo de desenvolvimento, ou se o Brasil apenas se apropria de alguns elementos para construir um discurso que atribui a um segmento específico características que o vinculam ou não à África para estabelecer relações de poder. Por esta razão chama a atenção o advento da coleção “Autores Africanos”, publicada pela editora Ática de 1979 até 1991. Este é um período de intenso desenvolvimento literário no Brasil, no qual intelectuais, participantes de movimentos de classes e outros atores sociais passam a ser interlocutores de novos discursos, demonstrando que diversos grupos sociais silenciados precisavam ser ouvidos. Joseneida de Souza mostra interesse em pontuar que:

no momento em que o discurso de “retorno à África” é apresentado, de modo especial no campo da cultura, ocorre uma mudança crucial na forma de entender e representar esse retorno, pois, se antes os discursos sobre África se concentravam nas mãos das vozes “autorizadas”, ou seja, das elites dominantes constituídas por autoridades políticas e intelectuais, que detinham os meios de comunicação, agora são as outras vozes, as vozes dos marginais silenciados, sobretudo, dos afro-descendentes engajados em movimentos sociais diversos, que passam a contar e a recontar as histórias africanas e afro-brasileiras. Por outro lado, intensificam-se as trocas de informações entre ativistas, escritores e intelectuais brasileiros e africanos. Trata-se de um momento marcado, no Brasil, pela efervescência dos blocos afros, pela criação do Movimento Negro Unificado (1978) e por uma movimentação intensa de escritores e intelectuais negros contra a discriminação em várias frentes, sendo a música e a produção literária fortes aliadas neste processo. (Souza, 2011)

A coleção “Autores Africanos” é uma proposta da editora em fornecer ao Brasil material literário produzido no continente africano. O trabalho é dirigido por Fernando Augusto Albuquerque Mourão – cientista social pela Universidade de São Paulo. Tomando-se como referência o período do regime militar brasileiro, que durou de 1964 até 1985, percebe-se que a iniciativa da Ática acontece exatamente no momento considerado por muitos de maior abertura política e exatamente posterior ao chamado “milagre” econômico.

Apesar desta maior abertura política e mesmo com a chegada do colapso da ditadura militar, o Serviço Nacional de Informações mantinha todo o seu aparato destinado a identificar possíveis corruptores do antigo regime. O coordenador da coleção, e um dos intelectuais mais envolvidos com temas africanos – Benjamim Abdala Júnior (que foi diretor da editora Ática) – não escapam à ação e aos olhares dos agentes infiltrados em repartições, palestras, eventos e reuniões acadêmicas.

Um dos registros da Agência São Paulo (parte integrante do SNI), por exemplo, relata que o diretor da Ática foi condenado a um ano de prisão, em

sentença do Supremo Tribunal Militar (STM), por acusação de filiação ao extinto Partido Comunista Brasileiro (PCB). (ACE 37873/71)

Em um outro evento – mais precisamente o Congresso Internacional de Escravidão da USP, que foi realizado de 07 a 11 de junho de 1988, do qual o diretor da coleção fazia parte da estrutura organizacional como representante do Centro de Estudos Africanos – um investigador, num relato bem ilustrativo da disputa das vozes de atores sociais, descreve que:

o evento, desde sua sessão solene de abertura até o seu encerramento, não contou com a participação efetiva de setores negros em suas atividades. O quorum diminuto de negros na programação do Congresso – que o fez não ter a repercussão esperada – deu-se, particularmente em função do descontentamento com o número muito superior de brancos nas mesas diretivas dos trabalhos e, também, no de expositores. (ACE 020566/88).

Nota-se, pois, que este momento brasileiro já trazia abertamente a dicotomia entre o branco e o negro, marcadamente registrada em um documento da autoridade pública nacional.

A realidade é que, assim como no mundo, o nosso país vivenciava um surto de ideias pós-colonizadoras que clamava pelo aparecimento das vozes das minorias. Os movimentos negros estavam ganhando evidência e a aproximação do conteúdo produzido no continente africano, ainda que em pequena escala, legitimava os novos questionamentos em relação ao sistema de representações vigente. Percebe-se, portanto, que a coleção “Autores Africanos”, em certa medida, representa este clamor.

CAPÍTULO 2 – MOMENTO MOÇAMBICANO

Moçambique à época de publicação de “Nós Matamos o Cão Tinhoso, de Luís Bernardo Honwana – Apresentação do autor e da obra e sua contextualização na literatura moçambicana.

Não vamos fazer a revisão da história, fez-se o que se fez, naturalmente com muitas asneiras à mistura, mas não devemos deixar de reconhecer que esse período é a matriz do que Moçambique é hoje. O sentimento de moçambicanidade, que é a base do nosso projecto neste momento, nasce das frases mobilizadoras que então eram verdades, valiam como tal. E foram momentos de enorme generosidade em que toda a gente deu o seu melhor, não havia cálculos sobre ganhos pessoais, sobretudo existia preocupação séria de elevação do nível cultural, económico, de bem estar das massas populares. Isso era genuíno.

(Luís Bernardo Honwana)

A edição brasileira de “Nós Matamos o Cão Tinhoso” de Luís Bernardo Honwana integra a coleção “Autores Africanos” da Editora Ática. É o quarto livro da coleção e, embora traga este título, traz outras seis histórias: “Inventário de Imóveis e Jacentes”, “Dina” (conto analisado neste estudo), “A Velhota”, “Papá, Cobra e Eu”, “As Mãos dos Pretos” e “Nhiguitimo”. Foi publicada no Brasil em 1980. O livro de Luís Bernardo, no entanto, foi publicado em Moçambique pela primeira vez em 1964, após estímulo de vários amigos, dentre eles o famoso poeta moçambicano José Craveirinha. Amigos estes que já publicavam seus contos em vários jornais no país africano. Logo após a publicação, o livro foi recolhido pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) de Portugal. Esta apreensão fez com que esta edição seja considerada raríssima nos dias de hoje.

Luís Bernardo Honwana é de Moçambique, nasceu em Maputo na época em que a cidade ainda se chamava Lourenço Marques, em 1942. O nome Honwana não está em seus documentos e, como diz o próprio autor em sua nota

na primeira edição do seu livro, vem do apelido de seu pai Raul Bernardo Manuel (o Honwana).

Luís Bernardo vem de uma família de oito irmãos e viveu na cidade de Moamba, interior do país, até os 17 anos. No ano de publicação de seu livro já residia em Maputo, onde trabalhava como jornalista. Ainda em sua nota, Honwana diz que não se considerava exatamente um escritor, mas que apenas escrevia como se contasse as coisas que estavam acontecendo à sua volta e que se relacionavam consigo mesmo ou que traduziam fatos que lhe pareciam decentes. Em suas palavras, o livro representava uma série de testemunhos que retratavam situações que talvez despertassem o interesse de serem conhecidas.

Esta simplicidade de Honwana se reflete em todos os depoimentos públicos que realizou. Estes, inclusive, são extremamente raros por seu caráter discreto e que, em certa medida, reforça uma característica nobre do seu discurso: o autor, com poucas palavras, revela um infinito de ideias que, bem trabalhadas, perpassam várias temáticas e atingem o contexto de dimensão da alma humana.

Num desses depoimentos, uma entrevista realizada por Helder Fernando para o Hoje Macau em 2010 (da qual alguns trechos foram retirados para ilustrar a introdução dos capítulos deste estudo), o autor reforça essa sua característica. Ao ser perguntado sobre a utilidade de seus textos, ele diz que “são textos que pretendem ser literários.”

Os contos do livro de Luís Bernardo representam, no entanto, para muitos estudiosos, um marco na narrativa da literatura moçambicana. Com uma narrativa simples e que valoriza bastante o aspecto visual da situação descrita, o autor consegue trazer bastante conteúdo da memória coletiva dos moçambicanos em histórias com personagens marcantes e singulares.

No “Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”, Maria Nazareth Fonseca e Terezinha Moreira colocam Luís Bernardo Honwana como um dos precursores da literatura moçambicana, situando-o na fase colonial, numa

divisão da literatura do país em colonial, nacional e pós-colonial. Para elas, o autor está entre os escritores “ligados a movimentos que traçaram o panorama literário de Moçambique dos anos 40 e 50, cujos ecos podem ser percebidos na poesia do pós-independência.” (Fonseca, 2011)

No mesmo ano em que publicou seu livro em Moçambique, o escritor passou a integrar a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que pretendia tornar o país independente de Portugal. O ideário explorado em toda a sua obra traz muitos temas que se relacionam com o movimento e, portanto, foram decisivos para formar a identidade nacional moçambicana. Os sete contos que integram o livro, numa linguagem bem próxima do leitor, retratam com riqueza de detalhes o cotidiano das famílias africanas na condição estabelecida pelo colonizador europeu. Desta forma, Honwana marca definitivamente uma narrativa bem específica do período colonial e alicerça as bases da literatura do país. As ideias exploradas pelo autor não apenas evidenciam a realidade de opressão, mas também funcionam como fundamento para uma sociedade que necessitava se reconstruir e se identificar.

CAPÍTULO 3 – O CONTO ‘DINA

Análise sob a ótica de valores das sociedades africanas.

Devo dizer que me sinto gratificado, pois o eventual valor literário dos textos transcende o valor informativo deles sobre uma determinada época.

Portanto, não são apenas testemunhos duma época, mas também como construção literária, um exercício ficcional.

(Luís Bernardo Honwana)

Com o conto Dina, Honwana de maneira espontânea – priorizando a trama literária em relação à ideologia – acaba por evidenciar o sistema de poder vigente no território moçambicano, sem se desprender dos valores da sociedade africana que perpassam o conflito exposto.

Um aspecto interessante é a sutileza literária pela qual o autor constrói o cenário de rudeza com que era tratado o oprimido pelo colonizador. Boa parte da introdução do conto se dedica a descrever a cena do trabalhador no cenário escaldante da “machamba”. O personagem principal, Madala, é o mais velho do grupo e sofre por causa de alguns problemas de saúde. Leite (1996), em seu ensaio sobre ‘Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas’, coloca que aos mais velhos é assegurado “o direito de não mais trabalhar a terra, não lhes faltando o essencial em seus celeiros até a morte.” Isto, em certa medida, já demonstra como a sociedade africana estava sendo violentada. A sabedoria dos mais velhos fora relegada a uma condição desprezível em detrimento do trabalho braçal; mas, no entanto, percebe-se que, mesmo no contexto da rudeza, a sabedoria ancestral se sobressaía – Madala, de maneira resignada, espera pacientemente para não aparentar ser o primeiro a se levantar, embora já estivesse cerca de quarenta minutos (o equivalente a aproximadamente dois palmos de sombra) debruçado sobre suas dores, tentando absorver das raízes

das plantas um frescor que acalentasse o calor insuportável da lavoura. Os mais jovens, por outro lado, logo se apresentam para deixar a lavoura e reforçam o discurso do opressor: “– Para começar são umas comichões que nunca mais acabam, mas para despegar é a correr, não, meus cabrõezinhos? Continuem assim que eu desanco-vos o lombo...” (Honwana, 1980)

Este mesmo intervalo de tempo, entre a última das doze badaladas do meio-dia e o comando do capataz para deixar a lavoura, é o suficiente para o personagem principal pensar sobre acontecimentos que, se confrontados com os valores africanos outrora vigentes, também deságuam na degradação à qual a sociedade estava submetida. Ao levantar uma das raízes, Madala se depara com um escorpião e relembra de um amigo, Pitarrosi, que havia morrido tempos antes por conta de uma mordida de cobra naquela mesma lavoura e, por ocasião desta morte, a esposa dele tornou-se prostituta e alcoólatra. A mulher, que tinha o papel de preservar os valores sociais – tendo em vista que a grande maioria dos povos africanos apresentava grupos familiares de caráter matrilinear, nos quais os laços uterinos eram a garantia da manutenção do poder entre as famílias –, agora estava sujeita aos percalços da nova estrutura que se impunha com o processo de colonização. Mais adiante na evolução do conto, a própria filha do Madala, Maria, estaria em situação muito similar. Mais uma vez, os nobres valores de ancestralidade e amizade se evidenciam frente aos movimentos degradantes impostos pela classe dominante – Madala atenta-se para o fato de que fora um dos únicos a não se deitar com a esposa de Pitarrosi, provavelmente como prova de respeito ao vínculo de conhecimento familiar ou de amizade construído antes da morte.

A situação de impotência frente à ação do opressor revela ambientes de confronto de idéias que merecem destaque. De forma suave na trama do conto, Honwana acaba por mostrar que, embora o oprimido aceite a imposição, ele tem plena consciência do direito que lhe está sendo tirado ou do valor social que está sendo corrompido. A revolta, ainda que não verbalizada, se materializa em gestos contidos e fica expressa até na maneira como o autor articula o diálogo

do personagem principal com a natureza. Uma figura metafórica recorrente no conto 'Dina' é o manuseio da planta arrancada pelo Madala nos seus momentos de maior tensão. A terra e aquilo que ela oferece representam na cultura africana e mesmo na cultura planetária, entre outras coisas, o conceito de força vital, até por isso muitas culturas devolvem seus mortos à terra porque acreditam que dela brotou a vida. Os momentos mais difíceis da narrativa são exatamente marcados pelo fato do pai de Maria arrancar do solo uma planta, fazendo com que os ramos sejam entrelaçados nos dedos. No instante de trabalho na lavoura, no qual a dor física real se sobrepõe à dor emocional, a planta arrancada é real; em contrapartida, no instante em que o capataz caminha para o milharal para concretizar seu desejo sexual com Maria, no qual a dor emocional fica mais evidente em relação à dor física, a planta arrancada é imaterial. Seja no gesto com o objeto real ou com o objeto imaginário, arrancar a planta da terra e cerrá-la entre os dedos tenta representar a reação frente à incapacidade de agir naquele momento, de certa forma como se a terra e o que ela produz pudessem emanar alguma força que aliviasse o peso e o sofrimento da situação.

Numa leitura descompromissada do conto, alguns leitores de sociedades ocidentais podem até questionar se valores sociais como família e relações de parentesco não são percebidos pelas sociedades africanas de maneira distinta do pensamento ocidental, o que justificaria a passividade do pai diante da prostituição da filha. Há, no entanto, um fator de influência real estabelecido pela relação de poder que justifica a atitude de Madala. O que se poderia fazer naquele momento? Agredir o capataz e receber uma pena por agredir um branco colonizador? O próprio conto traz a figura do opressor como que arrependida do ato que cometera, numa observação clara de que o dominador sabia que estava violentando valores da sociedade local. Esta inclusive é a razão pela qual a prostituição acaba se estendendo à figura do patriarca. Intrigado pelo fato de Maria não receber de pronto as moedas que ele lançara, o capataz insiste até obter uma resposta da garota que tentava falar português: '— Madala é minha pai!...'. Desconcertado com a descoberta, ele traz uma garrafa de vinho para Madala na tentativa de minimizar os estragos feitos à sua honra,

esboçando também para o grupo de homens que com aquela garrafa de vinho pagara o mal feito que havia cometido.

Ressalta ainda aos olhos, sobre e sob o contexto de opressão, outro aspecto: a inconformidade dos mais jovens versus a serenidade no uso da palavra expressada pelos mais velhos e mais conscientes. Podem-se depreender daqui várias temáticas revolucionárias, como a de que é o inconformismo dos jovens, que têm a força, um dos fatores geradores de mudança dos sistemas de poder, ou a de que a acomodação dos mais velhos não favorece a proposição de novas mudanças. No entanto, se observarmos novamente a realidade sobre a ótica dos valores das sociedades africanas, veremos que a palavra também deriva da força vital. A palavra carece de uma força que lhe confira personalidade. Diferentemente dos moldes ocidentais, nos quais a palavra assumiu um tom capitalista, cuja importância decorre do fato da garantia do fechamento de um negócio, nas sociedades africanas o valor de palavra transcende o material e o real. Segundo Leite (1996), “sendo a palavra dotada de uma parcela da vitalidade do preexistente, é necessariamente uma força inerente à personalidade total, daí que sua utilização deve ser cuidadosamente orientada,...”. Por esta razão, pode-se entender que as indagações do jovem do grupo do curral são precipitadas e, em certa medida, alienadas, por não representarem a compreensão de toda a situação à qual Madala estava submetido. As palavras do jovem do curral denotam apenas a revolta da juventude frente à situação de opressão e não ajudam o empoderamento do discurso do oprimido, só faz pior, coloca-o numa situação ainda mais vexatória perante os seus iguais. Esta tentativa do jovem de iniciar um discurso libertador já se apresentava no primeiro momento em que ele aparece na trama. Ao voltar da machamba, Madala reflete bastante antes de calar e apenas responder serenamente às insistentes interpelações do jovem, que recebe apenas um ‘Sim, faz muito sol na machamba...’. Momentos depois, sua serenidade seria novamente testada para apenas repetir a mesma frase, com o acréscimo de um ‘meu filho’, provavelmente numa observação de que o garoto talvez devesse dirigir-se a um homem mais velho com um pouco mais de respeito.

Muitas são as questões levantadas pelo conto Dina, mas fica evidente pelos aspectos aqui expostos que a arrogância do colonizador não anula a conscientização da sociedade que está sendo violentada. Uma sociedade não perde seus valores tão facilmente, ainda que lhe sejam impostos novos líderes, porque o espaço social guarda relação direta com o material humano que lhe sustenta. Luís Bernardo Honwana consegue mostrar de forma primorosa características nobres da alma humana que não se desintegram ao sabor da ação de um sistema de poder. Talvez até por essa razão ele conclua o conto assemelhando o milharal a um mar verde, no qual estão estranhos peixes. Há uma ondulação que lhe é impressa pela força do ar. Essa ondulação se desfaz, avança e novamente se desfaz. Assim também é o movimento do opressor sobre o corpo social: se desfaz, avança e se desfaz. Os seres que integram a sociedade, que são os estranhos peixes do mar verde, são os responsáveis por manterem os princípios e valores que alicerçam suas relações e não sucumbem à força do vento. “E aí está o segredo dos búzios.” (Honwana, 1980)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Conto “Dina” é um belo exemplar de como os valores das sociedades africanas têm a contribuir para o diálogo entre os povos. Além de servir como matéria-prima para empoderamento do discurso das minorias, a obra do Honwana transcende as discussões das relações de poder e alcança as discussões sobre a alma humana.

Honwana revela em um dos seus comentários (Hoje Macau, 2010) que houve um esforço de sua parte para que os contos não tivessem caráter panfletário. Acrescenta também que, embora os contos (incluindo “Dina”), tenham atingido uma função denunciadora, na época em que foram publicados ele também tinha outras vias para manifestar suas ideias políticas. Desta maneira, percebemos, para além de um autor que descreveu a realidade que percebeu à sua volta, um autor que simplesmente debruço-se sobre a arte de escrever e conseguiu trazer valores do contexto social do qual faz parte.

Este estudo não pretendeu, em nenhuma hipótese, desmerecer o valor denunciador de textos de Luís Bernardo Honwana, pelo contrário, a intenção foi ampliar o olhar sobre eles, de forma a mostrar o valor contributivo da literatura produzida no continente africano para o diálogo com outras literaturas.

Traçar um paralelo das situações vivenciadas pelo personagem principal do conto – o Madala – com os valores das sociedades africanas, expostos no texto de Leite (1996), possibilitou a visualização de um outro universo de análise que ultrapassa a questão da luta de classes sem anulá-la e, de certa forma, até estendendo a discussão e reforçando argumentos que favorecem o empoderamento de vozes silenciadas.

REFERÊNCIAS

ACE 020566/88 – *Acervo do extinto Sistema Nacional de Informação (SNI) – Agência São Paulo*. Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (COREG/DF) – Arquivo Nacional – Ministério da Justiça.

ACE 037873/71 – *Acervo do extinto Sistema Nacional de Informação (SNI) – Agência São Paulo*. Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (COREG/DF) – Arquivo Nacional – Ministério da Justiça.

FONSECA, M^a Nazareth S.; MOREIRA, Terezinha T. *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf_Acesso em 15/10/2014.

HONWANA, Luís B. *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

LEITE, Fábio. *Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas*. Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 18-19 (1). 103 -118, 1995/1996. Disponível em: <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Valores-Civilizatorios-em-sociedades-negro-africanas.pdf>_Acesso em 15/10/2014.

SOUZA, Joseneida M. E.; RIBEIRO, M^a de Fátima R. (2011). *De Silêncios e Memórias: A Coleção “Autores Africanos” e a Legitimação das Literaturas Africanas no Brasil*. Disp. em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308346803_ARQUIVO_TextoConlab.pdf_Acesso em 15/10/2014.

SOUZA, Joseneida M. E. *Trajectoria das Literaturas Africanas no Brasil: Pensando a questão editorial*. Mestrado em Literatura e Cultura. UFBA

_____”*A Cultura é o cimento mais adequado à construção dum novo país*”.

Entrevista ao escritor Luís Bernardo Honwana por Helder Fernando. Hoje Macau, 2010.

Disponível em: <http://hojemacau.com.mo/?p=4229>_Acesso em 30/11/2014.